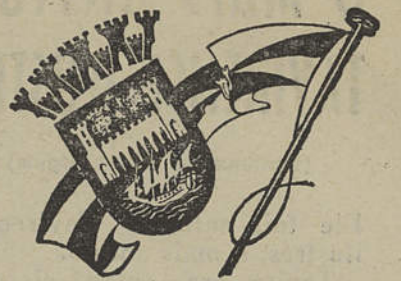




POVO ALGARVIO



SEMANÁRIO REGIONALISTA — DIRECTOR, E PROPRIETÁRIO: MANUEL VIRGÍNIO PIRES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ≡ RUA DR. PARREIRA, 13 ≡ TELEFONE 22503 ≡ TAVIRA ≡ COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO ≡ TIPOGRAFIA «POVO ALGARVIO» ≡ TELEFONE 22622 ≡ TAVIRA

O MAIS ANTIGO TAVIRENSE ILUSTRE

Será necessário concordar que a referência «ilustre» não ilustra absolutamente ninguém, visto que este qualificativo, até mesmo no grau mais elevado, se tornou comum a todo o género humano. Mas, para se lhe chamar célebre ou famoso, não existe jus, porquanto a sua personalidade se diluiu e alheou durante séculos e jaz agora perfeitamente esquecida. E para se lhe chamar insigne, as dificuldades tornam-se perfeitamente insuperáveis. Não há muitos meses se chamava insignes a personalidades que variaram para insignificantes. Tratar o Tavirense designado apenas por antigo, não o determina bem.

Daí a razão da preferência.

(Continua na 2.ª página)

O GENERAL ANTÓNIO DE SPÍNOLA

É UM CHEFE DE ESTADO
QUE O POVO PORTUGUÊS
ADMIRA E EM CUJA
ACÇÃO ACREDITA

A isenção da máquina eleitoral e o fim da guerra ideológica através dos meios de Informação foram alguns dos temas que o general António de Spínola abordou, durante o discurso que proferiu, após o acto de posse dos subsecretários de Estado da Administração Interna e da Comunicação Social e do novo governador do arquipélago de Cabo Verde.

Prosseguindo, o general António de Spínola, afirmou:

«Tenho recebido nos últimos tempos centenas de telegramas e de expressivas manifestações do nosso generoso povo clamando justiça e denunciando que algumas autarquias locais têm sido tomadas de assalto por homens a quem o povo não reconhece idoneidade para ocupar esses lugares».

A PASSAGEM DA VOLTA A PORTUGAL PODE CONSIDERAR-SE O DIA MAIS TURÍSTICO DE TAVIRA

É sempre assim todos os anos, a passagem da Volta a Portugal por Tavira, pode considerar-se o dia mais turístico da cidade.

E então este ano, que a equipa do Ginásio conquistara as melhores posições, bem como a camisola amarela, não havia um lugar vago num restaurante, um quarto numa pensão, nem um lugar à sombra para arrumar um carro.

ALGARVE PANORÂMICO



PRAIA DA ROCHA — Um dos seus belos aspectos

PROBLEMAS HUMANOS

A vida quotidiana no tempo presente é trepidante, repleta de complexos problemas e desilusões que atrofiam o homem no Mundo decadente em que vivemos.

E' perigoso caminhar sem

POR

Amâncio do Livramento

bússola e sem guia, na estrada da vida, onde a cada momento nos espreita uma calamidade que nos pode ser fatídica.

A Sociedade hodierna só se tem ocupado de valores materiais, desprezando os problemas humanos de vital carência concernente à vida física, ética e cultural do povo que trabalha, que sofre e que se sacrifica...

Caminhamos perante uma descomunal indiferença pelo homem, pela injustiça social, pela corrupção dos costumes e pela falta de urbanidade que se notam em vários ramos familiares.

O homem durante quase meio século de obscurantismo assistiu silenciosamente à pernicioso organização da Previdência, onde a assistência médica e medicamentosa era de-

João Picoito J.ºr

A fim de consultar a Medicina seguiu para Lisboa o nosso prezado amigo e colaborador sr. João Picoito J.ºr.

Ao autor de tantas «Conversas da Semana», desejamos rápidas melhoras e o seu breve regresso.

ficiente, notando-se muitas vezes a falta de humanidade pelo seu semelhante.

Quantas somas fabulosas adquiriu a Previdência através de contribuições que deviam ser empregadas em prol do povo, e foram relegadas para outros fins desconhecidos?!

O beneficiário do nosso País só serviu para contribuir e não para usufruir uma medicina medicamentosa gratuita e uma assistência médica modelar como se praticam em várias Nações do Mundo.

A protecção à doença e à velhice é uma necessidade social que tem que ser olhada eficazmente pelas actuais entidades oficiais como dever humano para bem desta pobre comunidade, que durante décadas de jugo de tirania foi sacrificada pela injustiça e pela insegurança social num completo e humilhante desprezo pelo ser humano!...

A riqueza da saúde é considerada como o maior bem supremo, fonte de alegria, de vitalidade física e mental, de bem-estar e de evolução feliz em todos os sectores da vida da humanidade.

Em todos os povos evoluídos a saúde e a velhice constituem a essencial preocupação dos governantes, como um dos factores primários da existência do homem e seu futuro.

(Continua na 2.ª página)

O CULTO DA PALAVRA

A Palavra foi dada ao homem e só ele a pode utilizar. Mas para se utilizar o dom sagrado da Palavra ela, necessariamente, andarão ao serviço do Pensamento. Pensar é viver, lá dizia um velho filósofo, senhor das artes malabistas das palavras.

E não só os filósofos como imensos pensadores nos situam, dobrados, enlevados ao domínio das suas falas, em clima da pura beleza. Porque todos nós, homens, falamos! Mas... por que só alguns, e bem raros, usufruem o «dom» da Palavra?

Cícero e Demóstenes, Fernando Bulhões, António José d'Almeida, dispares no sentido das palavras e no brilho do seu falar, tiveram o dom da Palavra. Roubaram o fogo do céu. Souberam extrair dele a quinta essência da grandeza, da correcção e da arte de encantar. Aprenderam a moldá-la, como o barro do paraíso nas mãos do Criador, à macieza, à graça, à delicadeza da ânfora maravilhosa que guarda o espírito do Homem, o afecto imarcescível do seu coração, o arrojo do heroísmo, a força que forjou os mártires e os sábios daquém e dalém tempo.

A sacralidade da palavra não lhe é concedida só pelas vibrações das cordas vocais, pelas variações apicais ou palatais, pelo folgo magnífico que distende ou contrai as pregas da garganta. E, no entanto, que deliciosa magnitude, que delicada e variada gama, subindo, alargando, descendo, até ao infinito das escalas cromáticas da fala. Há trechos oratórios, belos como pinturas dos mais conceituados mestres. Lêem-se ainda sermões que nos transmitem a impressão das grandes catedrais, maciças como igrejas românicas, de verticalidade que nos ala o espírito

TROVA

O amor não é inconstante
No mar que a todos se enleia,
Na enchente ou na vozante
Ele abraça e beija a areia.

V. P.

como ogivas de templo gótico. Deformar as palavras implica o valor dum acto sacrilego. «Tosca, bruta, dura, informe», como Vieira, o grande artista da Palavra, classificou a pedra rude, nem assim podemos cindir o valor da palavra, aquele dom que extrema o Ser racional da restante Criação.

Que diremos da Palavra cuspidada, vergastada, arrastada pelas vias da mentira e da injúria mais imprópria ou mais obscena?

Pior que a pedra desfeita em taliscas, que as cinzas do cadáver, a Palavra que deturpa, repugna, enoja. Deixou de servir a grandeza do Homem, deixou de contar ao céu a branca alegria do amor e da Verdade, único fim para que nos foi dada.

(Continua na 2.ª página)

OS LÍRIOS DO VALE

Naturalmente porque os vales são mais povoados que as montanhas, de há muitos séculos se conhece a perífrase que classifica este mundo como «vale de lágrimas». Digo que há muito séculos porque já S. Bernardo assim designa o mundo e S. Bernardo viveu não sei quando, mas lá para o século XII, quando muito. Foi pregador numa cruzada, segunda ou terceira (mais certo a segunda). Era abade e edificou a abadia em Vale-de-Absinto, a que chamou Claraval, em França, talvez por ser uma palavra mais luminosa e, conforme ainda hoje se vê, ter gostado muito de claridade (que bom que tivesse feito parte dos nossos serviços municipalizados e electrificasse várias ruas tão escurinhas que ainda estão!) vestia-se e vestia os seus frades e freiras de branco e teve por toda a parte devotos admiradores, entre eles Tavirenses, donde os do convento da Atalaia pertenceram à sua Ordem; e a sua estátua está ainda em lugar de honra na capela ou ermida de Sto. António, e aí se conservam também duas tábuas que o representam, de maior valor iconográfico e etnográfico do que artístico, mas que contam duas ocorrências da vida do Santo.

Ora o bom S. Bernardo, que tanto gostava da alegria, chamou ao mundo o vale de lágrimas, não se sabe porquê. Ele lá sabia. Talvez porque no seu tempo, a Idade Média, davam muita atenção aos acontecimentos tristes e não se pode dizer que não tivessem motivos para conservar esta e outras atitudes de espírito. O mundo era grande, os homens poucos e cheios de privações, a vida sem sentido nem lenitivos transferia para uma existência mais perfeita a desesperada fome de felicidade que o mundo atica e em seguida nega.

Tudo isto, que desviar do assunto!

(Continua na 2.ª página)

CONVERSA DA SEMANA

UM PROBLEMA

contos mensais, por cabeça, representando a compensação de muitos anos de trabalho e estudo a bem da Nação, além dos louvores recebidos por fidelidade aos princípios inquisitoriais estabelecidos, agora, suprimidos, verificando-se, porém, certa falta de compreensão em face da sua supressão. Os responsáveis, que não são poucos, infelizmente, agitadores e pregadores, têm por vezes esquecido a disciplina exigida pela J. S. N..

Continua na 2.ª página

O MAIS ANTIGO TAVIRENSE ILUSTRE

(Continuação da 1.ª página)

Ele foi, entre os Tavirenses ilustres, o mais antigo.

Tavira era, então, simples vila, Tabilla, por ventura já cintada de muros, o que lhe dava foros de cidade, já tinha a ponte, um extra-muros bastante reduzido, um castelo assente num trono de calço a morrer aos poucos na veiga farta de água de pé onde, pelas almuinhas, já floriam damasqueiros e cidreiros. Lá adiante era já branquinho o estendal das salinas, labutava-se durante o Verão na faina da almadra e, ao perto, o fumo subia dos telheiros e dos fornos de pão. Já aos altos muros do minarete o muedden trepava açodado para clamar o seu sonoro: Allah Akbar! Allah Akbar! e os crentes fervorosos, voltavam-se para o nascente, orantes e concentrados, saindo às portas do aduar encravado entre as muralhas por onde, com tão rara curiosidade, passamos hoje.

E foi sob as luminosas estrelas deste céu, olhando os horizontes que hoje olhamos, então viventes mas currelados de de mar, tal qual como hoje, que os olhos negros do menino a quem chamaram Abu-Otman aprenderam os segredos divinos que só os poetas conhecem.

Cantaria seus versos ao som do anafil, no arraial dos cavaleiros mouros, ou no «kan» dos viajantes?

Cantá-los-ia ao som da viola, em xácaras, comovendo em roda as moçarabas, suspensas e cismadoras?

Ou em có-dices de fino pergaminho os teria lavrado no mais puro arábico, entre vinhetas de azul e ouro?

Já não se sabe... mas, se o tempo lhe arrasou a morada e o túmulo, se os versos esqueceram e as notícias rarearam, ficou o nome que poderia ser dado a qualquer instituição, jardim, escola...

E' pena que superabundem nas ruas e nos recintos as consagrações políticas. São sempre efêmeras e matéria de contra-dição.

Entre 711, o ano da invasão muçulmana e 1242 o ano da reconquista, Abu-Otman, nasceu em Tavira. Passaram séculos. A sua memória subsiste e espera (esperará sempre) uma lembrança dos seus patrícios. Abu-Otman merece.

Condições Inseguras e Riscos Inerentes ao Trabalho

É necessário reconhecer pelo menos as principais e mais graves condições de insegurança do ambiente de trabalho e saber como eliminá-las.

Não se deve, porém, confundir condição insegura com risco inerente ao trabalho. Por exemplo: a corrente eléctrica é um risco inerente ao trabalho do electricista e de outros que lidam com aparelhos eléctricos; instalações mal feitas, fios expostos, etc., representam condições inseguras.

Muitos materiais como ácidos, por exemplo, são riscos inerentes ao trabalho mas não representam em si condições inseguras.

Se a maneira de os manipular, ou os equipamentos e vasilhame não estiverem de acordo com as normas de segurança, então haverá condição insegura.

Gases tóxicos emanados de certos processos industriais representam riscos inerentes ao trabalho mas não constituem condição insegura se houver sistemas de ventilação adequados ou outras medidas que evitem a dispersão e a concentração do produto tóxico no ambiente.

Não devem portanto existir dúvidas quanto à distinção entre as condições inseguras que são originadas por falhas e riscos inerentes ao trabalho que são, regra geral, os aspectos perigosos da utilização errada da energia e dos diversos produtos.

CONVERSA DA SEMANA

UM PROBLEMA

Continuação da 1.ª página

Com franqueza, ficámos um tanto perplexos perante alguém que tem comido por medida de largas dimensões, bom freguês do antigo regime, sempre à mesa do orçamento com acumulação de pratos, e por isso, classificou de modestas as pensões atribuídas às referidas individualidades. Se estas são modestas, como classificar as mini-pensões que não acompanharam a inflação? Estas pertencem aos que têm andado sempre à rasquinha, oprimidos, comendo por medida de curtas dimensões. Este e outros desnivelamentos semelhantes constituem mais um problema herdado para ser resolvido num País economicamente abalado, politicamente atrasado, publicamente pouco esclarecido, embora bem encadernado.

A situação dos reformados vem de há muito sendo estudada, mas nessa árdua tarefa surgiram sempre dificuldades, além do contravapor exercido pelo homem de Santa Comba que tudo punha e dispunha no recolhimento da sua torre de marfim, segundo afirmavam os poucos que se atreviam a discordar do ditador solitário. Constou, no entanto, que após a sua morte o estudo havia recomeçado com boas vontades de acerto, mas novas dificuldades surgiram, visto a grandeza dos números representar um pesado encargo no domínio das finanças públicas, capital morto, sem juros, contrapondo-se ao que se pretendia levar a efeito. Pois, claro.

Era compreensível. Dada a maneira conhecida como os dinheiros da Nação foram distribuídos durante 48 anos, para beneficiar os inactivos seria preciso sacrificar numerosos activos, especialmente os graúdos. Aqui é que estava o busilis. Sacrificar os graúdos, tudo menos isso.

Os reformados lamentam que o aumento das pensões nunca tenha acompanhado proporcional e simultaneamente o aumento dos vencimentos das classes activas. Uns eram filhos, outros eram enteados. Mas enquanto se estuda e trabalha pela justiça social, vão os enteados vivendo como Deus quer. Uns fazem ganchinhos, outros conseguem arranjinhos, pois assim todos se governam com preceito e respeito devidos, não procedendo como o burro do Zé André dos tempos do liberalismo que, depois de solto, em plena liberdade, praticou um acto de reconhecimento com dois coices no dono que o soltara e lhe dera essa liberdade.

Nesta conjuntura não faltam problemas de situações e reivindicações. A situação dos reformados é também um problema...

T.

OS LÍRIOS DO VALE

(Continuação da 1.ª página)

Não será já vale de lágrimas, que estão fora da moda; mas, vale de intempéries e declives agrestes continua, a vida.

Nela, como em todos os vales, desabrocham lírios, lírios de inocência e delicadeza que os maus ventos logo esfrangalham, que os sois e as geadas crestam, que os homens calcam aos pés, mancham e murcham.

As crianças!
Desde que nascem as calu-

.....



Fernando Rodrigues Ferreira
Agradecimento

A família de Fernando Rodrigues Ferreira, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada, bem como àquelas que directa ou indirectamente lhes manifestaram o seu doloroso pesar.

pela CIDADE

Agenda

Telefones úteis:

Hospital e Maternidade	22135
Bombeiros	22122
Bombeiros Ambulância	22125
Serviço de Urgência do Ambulância	115
Polícia	22022
Guarda N. Republicana	22417
Brig. de Trâns. da G.N.R.	22458
Câmara	22005
Táxis - 22704 - 22077 - 22540 - 22467 - 22460 - 22498 - 22459	
Repartição de Finanças	22616
C. I. S. M. I.	22015 - 22016
Camionagem de carga	22527
Camionag. de passageiros	22546
Serv. Municip. água e luz	22054
Posto de Turismo	22511
Tribunal	22001
Notário	22069
Estação dos C.T.T.	22111 - 22112
Escola Técnica	22596
Liceu	22582
Estação do C. de Ferro	22554

Vida Religiosa

Horário das missas dominicais:

As 9 horas — N.ª Sr.ª da Ajuda
As 9,30 horas — Santa Luzia.
As 11 horas — Santa Maria do Castelo.
As 20,30 horas — S. Francisco.
As 18 horas — Sant'Iago.

De Semanas:

As 8,30 horas — Sant'Iago.
As 9 horas — N. Sr.ª da Ajuda.

Sábado:

As 16,30 horas — Sant'Iago.
As 21,30 horas — N. Sr.ª da Ajuda
(Missas para cumprimento do preceito dominical)

O CULTO DA PALAVRA

(Continuação da 1.ª página)

Cultivar a Palavra foi um desporto mental de grande valia porque dispôs os homens para a fruição da cultura de espírito e da consciencialização, antes de os dispor para a cultura do desporto-violência.

O culto da palavra trouxe os maiores incentivos à vida social e às conquistas do intelecto. Mas, os abusos prejudicam sempre e as gramáticas minuciosas, as retóricas empoladas, as dialécticas sofisticadas, super-abundantes, serviram, por fim, mais os enfeites decorativos da linguagem que as estruturas da lógica e da verdade. Os grandes estilistas, os brilhantes demagogos não trazem às vezes mais, no fundo do cesto, que é como quem diz no âmago das ideias concretas, que um pouco de palha retrçada, a nulidade enganadora dos seus discursos, se os aventejarmos na eira iluminada da sã realidade.

Passemos, portanto, através do crivo do bom senso os belos discursos arrebatadores que os (às vezes) oradores brilhantes desdobram ao sabor da brisa, como os mercadores desdobram uma peça de seda artificial que nos alicia com o mais deslumbrante fulgor, mas, usada, se rasga ao leve sopro do vento.

N. R. — Queixa-se um leitor das metáforas meteorológicas que nos acodem ao bico da modesta pena. Foi vez que nos ficou do tempo em que, com a nossa pena grande, varriámos os passeios do Observatório da Ajuda. Graças a Deus, são só ventos moderados e fenómenos luminosos de reflexão. Se vier algum temporal, rezeamos os efeitos. Que nos perdoe o lastimoso, mas único, leitor interessado.

Dr. António Cabreira

(CONDE DE LAGOS)

MISSA DE SUFRÁGIO

No dia 20 do corrente, a Sociedade de Geografia de Lisboa manda celebrar Missa pelo seu eterno descanso, na Igreja de S. Paulo, às 9 horas.

Noticias Pessoais

Partidas e Chegadas

No gozo de férias encontra-se com sua família em Vila Nova de Oliveirinha, o sr. Dr. José António Madeira, distinto Engenheiro Geógrafo e nosso prezado amigo e assinante.

— No gozo de férias encontra-se nesta cidade, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria Helena Caleça Costa Rodrigues Pescada, esposa do nosso conterrâneo sr. Helder Estêvão Rodrigues Pescada, técnico verificador de 1.ª, em Lisboa.

— Com sua esposa encontra-se de férias nesta cidade o nosso conterrâneo e assinante sr. Carlos Beldade, residente na Alemanha.

— Com sua esposa e filhos encontra-se gozando as férias nesta cidade, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Jorge Eleutério de Oliveira Cruz, secretário de Finanças de 2.ª classe, que durante muitos anos escreveu as crónicas desportivas do nosso jornal.

— Após ter passado as férias na sua terra natal, seguiu novamente para França, onde reside, o nosso conterrâneo sr. Joaquim Henrique de Sousa Lima, residente em Sant do Broc.

PROBLEMAS HUMANOS

(Continuação da 1.ª página)

O grave problema da terceira idade nunca foi encarado humanamente pelos poderes públicos durante o antigo e corrompido regime com leis generosas e cristãs que garantissem aos idosos uma vivência tranquila e sem apreensões dentro dum padrão de vida regular que nobilitasse a dignidade humana.

O sociólogo GUY ROCHER referindo-se aos efeitos das transformações sociais nos estatutos dos idosos afirma: «As pessoas idosas são quem sofre uma degradação mais marcada. Já não beneficiam do prestígio e da autoridade que lhes dava importância na sociedade profissional, são mesmo identificados a um passado mais ou menos depreciado e forçados a viver no mundo a que já não conseguem adaptar-se.»

Estas geniais palavras demonstram o fracasso da nossa civilização a que são votados os idosos nesta encruzilhada sombria da Vida!...

Todos estes problemas são de tal modo grandes e decisivos que, só por si, justificam uma nova cruzada, uma cruzada para todos, visto estar em jogo a sobrevivência da própria espécie.

O sentimento do progresso social é uma realidade tão viva e está de tal maneira arraigada no espírito da época que constitui uma premente necessidade da vida humana.

Nesta viragem histórica na construção dum Portugal Novo almejamos novas estruturas sociais genuinamente humanas e cristãs em que reine a justiça, o amor fraternal, a liberdade e a paz entre todos os portugueses!...

Propriedade de Sequeiro

Arrenda-se ou dá-se de meias, com casas de habitação e várias dependências, oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras e figueiras, no sítio da Capelinha, Vale d'El-Rei, próximo de Tavira.

Quem pretender tratar com Elvino Fernandes Neto, Rua Fumeiros Diante, 12 — Tavira.

Propriedade Vende-se

No sítio da Campina — Luz de Tavira, que consta de pomar e outras árvores de fruta, com uma nora com abundância de água.

Quem pretender dirija-se a Julieta Teixeira — Amaro Gonçalves — Luz de Tavira.

CIESA N.C.K.



Assente bem os pés nos números.

Deposite as suas economias na CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS. É terreno firme.

3% ao ano, nos depósitos à ordem até 50 contos.

7% ao ano, nos depósitos a prazo de 6 meses, renovável.

8% ao ano, nos depósitos a prazo de 9 meses, renovável.

8,5% ao ano, nos depósitos a prazo superior a 1 ano, renovável.

9,5% ao ano, para depósitos especiais de poupança.

Os juros dos depósitos estão isentos de quaisquer impostos. Os depósitos beneficiam da garantia do Estado.

Estas são as vantagens. Mas ainda há outra: estamos ajudando Portugal a crescer!



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

Senhores Lavradores DE LUZ DE TAVIRA a nossa Feira aproxima-se

Realiza-se como habitualmente nos dias 4 e 5 de Setembro, querendo esta Junta de Freguesia que a mesma tenha a maior concorrência possível, apela para o bairrismo e boa vontade de todos os paroquianos da nossa Freguesia, que tragam os seus gados, pois só assim poderemos manter a nossa Feira.

Lembramos os senhores proprietários que foram convidados todos os negociantes de gado da nossa região.

O Presidente da Junta

a) José Ambrósio

Galerias D'El-Rei

Móveis em todos os estilos ao dispôr do público

Permanente Exposição

Móveis e Decorações

Rua Prof. Dr. António Manuel Pinto Barbosa — Telef. 22098 — TAVIRA

S. R.

EDITAL

José Ambrósio, Presidente da Junta de Freguesia de Luz do Concelho de Tavira

Torna público por este meio que nos próximos dias 4 e 5 de Setembro de 1974 se realiza nesta Freguesia a sua tradicional **FEIRA FRANCA ANUAL**, que constará de Feira de Gados, Barracas e outras Quinquilharias.

Para constar se passa o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos locais habituais.

Secretaria da Junta de Freguesia de Luz de Tavira, 25 de Julho de 1974

O Presidente da Junta,

a) José Ambrósio

Propriedade

Vende-se, no sítio da Asseca, com amendoeiras, alfarrobeiras, oliveiras, figueiras e terra de semear.

Nesta Redacção se informa.

CASA

Mobilada, aluga-se para os últimos dias de Agosto, Setembro e Outubro, perto da praia.

Nesta Redacção se informa.

A LUPA

(Continuação da 4.ª página)

HÁ dois anos, pelo menos, nos devíamos ter encontrado. Não me refiro à minha colega Maria José... embora muito gostaria de a conhecer pessoalmente! Refiro-me ao autor das «Aquarelas Rústicas», Jorge António Marques, de Aveiro.

Esteve na segunda-feira passada em Tavira, a «matar saudades» (Saudades não se «matam», afinal!) Até que em fim se me proporcionou a oportunidade de o abraçar. De conversar com ele. E é tão bom conversar com quem o sabe fazer.

Além de escritor, além de ter o dom da palavra escrita, Jorge António Marques tem um dom hoje em dia raríssimo da palavra falada. *Fala sabendo, fala sentindo.* É de facto um prazer escutá-lo. Além de uma grande cultura, domina-o a constante preocupação de contribuir para o bem-estar do próximo. Ter cérebro e ter coração com o mesmo peso na balança, não é comum, não.

Aproveitei a oportunidade para lhe dizer que já há muito tempo inúmeros leitores do jornal — em Faro, em Albufeira, em Vila Real — me têm perguntado: «Porque é que as «Aquarelas Rústicas» não são publicadas todas as semanas?» A resposta é simples. Jorge António Marques explicou: «Embora muito goste de escrever, nem sempre consigo arranjar tempo para o fazer. Há dias em que não acabo de trabalhar antes da meia-noite, às vezes até mais tarde». Com essa humildade que faz parte da sua maneira de ser, acrescentou que «não calculava que houvesse quem realmente gostasse de ler as minhas crónicas... Tentarei escrever um pouco mais... e melhor!»

Conversámos. Não sei bem quanto tempo. Três horas talvez. Aprendi muito. E não foi só isso. A verdade é que eu tinha regressado de uma longa viagem cujo objectivo não tinha sido alcançado. Encontrava-me exausto e lutando contra um estado de depressão. Quando Jorge António Marques se despediu, deixou-me «renascido». Sim, senhor. Sabe muito. Sente muito. Pena não ser Tavirense...

* *

ESTIVE há dias em Albufeira, tendo parado uma hora na Quarteira. Acompanhava-me um amigo que muitos amigos tem em Tavira, Jugoslavo de origem e de nacionalidade italiana. Fala português correctamente. Esteve no Brasil. Um perito da indústria hoteleira. Chama-se Vuga Zdravko. É pena ter decidido regressar à sua terra natal. Talvez volte, afirma. Oxalá que sim. Portugal precisa de indivíduos como ele. Não só por ser ou poder ser útil. Por ser um amigo sincero da nossa Terra. Mas adiante, sobre Albufeira.

Sentámo-nos nessa esplanada que fica em patamares das escadinhas, no coração da Vila. Ficámos impressionados com o movimento, com aquela multidão de turistas, as lojas cheias os cafés cheios, os restaurantes cheios. E Tavira? Com as mesmas e até algumas melhores possibilidades, relativamente «mortas»... Seria, de facto, pena «estragar» esta cidade com demasiado movimento. Tanto não queremos. Mas 25%, do que em Albufeira se vê já seria bom. Bom para uma maior receita camarária para mais se poder fazer pela cidade. Bom para maior comércio. Para mais empregos para os Tavirenses.

Subimos uma rua, a caminho do restaurante de amigos meus de há quatro anos, a família inglesa Shean, David e Jeanne. Chama-se o restaurante «O Cabaz da Praia». Ambiente extraordinário. Com um terraço que domina a linda praia de Albufeira.

Refeições boas, um azeite impressionante, bom gosto e simpatia por todos os lados. E enquanto subíamos a rua, vimos que uma igreja tinha sido recentemente caiada, e uma outra, no alto, estava a ser redecorada. Tudo se faz para fazer a Vila mais linda. Se a Igreja o faz sôzinha ou se é auxiliada pelo Turismo e pela Câmara, não chegámos a saber. Mas fiquei com a impressão de que naquela terra muito se faz, utilizando muito do que o turista ali deixa ficar.

Há mais a escrever acerca de Albufeira. De gente que ali vive, portuguesa e estrangeira. Do grande compositor inglês Ron Grainer, por exemplo. Fica para outro dia.

Entretanto, vou dar um passeio à beira do Gilão. E, como diz o meu bom amigo Don Alfredo, «a Vida continua...» E até Sábado... se Deus quiser!

Don Carlos

Propriedade de Sequeiro e Regadio Vende-se ou Arrenda-se

Com casas de habitação e várias dependências, alfarrobeiras, oliveiras, amendoeiras e figueiras, no sítio de S. Marcos, freguesia de S. Tiago — Tavira.

Quem pretender dirija-se a Elvino Fernandes Neto, Rua Fumeiros Diante, 12 — Tavira.

MOSAICO JUVENIL

O Mundo da Juventude

"A Razão e a Dúvida"

Nem sempre, mas às vezes tanto luto com dúvidas que n' alma se levantam que a mente me confundem e quebrantam que chego a pensar: «mais feliz é o bruto»

Cede à dúvida o gume mais astuto dos altos pensamentos que se implantam e que em páginas nobres tanto cantam os homens da Razão, gentil reduto

Razão finita! Dúvida infinita! Terrível duelo o que entre si travam e em que porjam, lutam e batalham

Desta luta rival sai uma brita: pedra a Razão, cai feita em pedaços cilindro a Dúvida, traz embarços...

A mim... a ti... a todos nós jovens, está confiada a missão nobre de dar ao Mundo uma nova Primavera. Primavera com verdura de Esperança, rejuvenescida constantemente pelas águas límpidas do rio do Amor. Primavera com Rosas de Paz, com Cravos de Liberdade, com Lírios de Fraternidade e com Papoilas de União. Primavera onde brilhe o Sol da Caridade, a Lua da Alegria e as Estrelas da Igualdade.

Ora para se construir assim uma Primavera, tem que haver alicerces mais resistentes que

Sessão de Esclarecimento Político na Conceição de Tavira

REALIZOU-SE, no passado dia 3 de Agosto, na Esplanada da Casa do Povo de Conceição de Tavira, uma sessão de esclarecimento político, promovido pela Comissão de Freguesia do M.D.P.

Usaram da palavra Fernando Gil Carreira, dr. Eduardo Dias, dr.ª Maria Luíza Anselmo, Maria Rita da Conceição Baptista, Armorindo de Sousa Bagarrão, José Afonso Valente e Sebastião de Jesus.

Em primeiro lugar foi feita uma análise dos últimos acontecimentos, nomeadamente o problema da Guerra Colonial. Seguidamente foi feito um apelo à população no sentido de uma participação activa na vida política.

Foram depois abordados temas de interesse local tendo sido reconhecida a urgência na realização de obras de interesse comum, tais como: rede de esgotos, plano de urbanização, bairros para trabalhadores, melhoramentos em algumas estradas, transportes públicos, arruamentos em Cabanas, etc.

Falou-se ainda da vida no mar e no campo, sobre este último aspecto reconheceram-se as vantagens na criação de uma Cooperativa Agrícola na freguesia, na arborização da serra algarvia, tendo Romão Gil falado dos grandes benefícios que adviriam da construção de uma barragem no Sotavento do Algarve.

Por último foram discutidos problemas relacionados com a Casa do Povo. Foi criticada a actuação pouco digna de alguns elementos da direcção deste organismo, aprovou-se por unanimidade a abertura da sala de jogos para a ocupação dos tempos livres dos seus associados e, por último, foi aprovada uma moção, destituindo imediatamente o encarregado de Secretaria da Casa do Povo, sr. José Joaquim Gonçalves. Esta moção assinada por centenas de pessoas, foi entregue na passada 2.ª feira, à Junta de Salvação Nacional.

A Comissão da Freguesia de Conceição de Tavira do Movimento Democrático Português

Farmácias de Serviço de 17 a 23 de Agosto

Table with 2 columns: Day and Pharmacy Name. HOJE - Farmé. ABOIM; DOMINGO - CENTRAL; SEGUNDA - FRANCO; TERÇA - SOUSA; QUARTA - MONTEPIO; QUINTA - ABOIM; SEXTA - CENTRAL

a Dúvida e para isso, não há como fortalecer a Pedra da Razão com Cimento de Confiança.

Por isso, com nobre Confiança e Fraternal União vamos trilhar a Estrada da Democracia e seguir em frente à conquista de um Mundo Melhor destruindo todas as dúvidas e desigualdades.

Amílcar António da Costa

Desportos Mentais

TODOS nós conhecemos, infelizmente, a desorganização que lavra no mundo dos desportos físicos, desde que o desporto ultrapassou as raias da simples potência natural, para o terreno do esforço exagerado.

Enquanto demonstração de capacidade física, enquanto cultura de saúde e força, extravasando vigor e natural alegria de competição, mesmo, o desporto contribui para o saneamento de maus hábitos que os lazeres introduzem na vida humana.

Se ultrapassa a meta da potência natural e entra em clima de violência, nem necessitamos apontar os excessos que se cometem. Basta rever por alto os últimos e penúltimos resultados dos jogos desportivos, que cingidos a um clima nacional de qualquer país, quer ampliados a competições internacionais.

Nos grupos nacionais, sabemos bem o que procuram os «apaixonados» pela prática do desporto: uma situação desafogada no campo económico da vida.

Aqui, o sentido do desporto, morre ainda antes de nascer, olhado apenas no ponto de vista individual. Quanto à organização dos grupos desportivos... bem ela fala por si. Alugam-se desportistas, compram-se desportistas, disputam-se desportistas, esfrangalham-se desportistas, pedem-se indemnizações para desportistas, incriminam-se desportistas e... haveria tanto que deixamos o resto ao leitor.

Entretanto vai-se robustecendo a raça, pelo menos teoricamente, ou enquanto os iniciados não chegaram ao extremo de serem disputados, o que indica que se mantêm na fase do normal.

E, à parte todos os inconvenientes do abuso, injusto seria arbitrar que nada se tem feito pelo desenvolvimento físico da mocidade de hoje.

Mas, perguntamos agora: e o que se tem feito pelo desenvolvimento mental?

Todos se riem de quem desconhecer o que se tem feito em matéria de estudos e métodos de estudar. E em matéria de publicação, nem se fala. N damos num mar de livros e jornais, de circulares, de legislação!

Não há muito que li em qualquer jornal ou jornalinho que o regime transacto nada fez pela educação política do povo. Qual! Nada fez?! Então e milhões de páginas ou mesmo de livros, não são nada? Tanto e tanto escreveram, tanto e tanto falaram... só foi pena que o povo não aproveitasse... Lançarem um livro de política e organização estatal, um livro de ciência ou uma revista de arte, tudo foi o mesmo. Farto de trabalho estava o povo, pa-

Um calor israelítico Fez fugir a inspiração O suor venceu o crítico, Todo o poder analítico Atingiu a insolação.

A praia, o mar em redor, Agua por baixo e por cima, Quem se atreve com calor Escrever trovas de amor, Andar à busca de rima?

Com a Volta a Portugal, O Ginásio manda em casa, Foi uma loucura tal E deu tão bem ao pedal Que a pista ficou em brasa.

Bebeu-se água até demais Quando o calor apertava, Compal e frutos reais, Laranjadas naturais E a cerejeja fumegava.

São uns circuitos renhidos, Mas o que é demais não presta! Há guiadores torcidos, Lembra luta de partidos Uma corrida como esta...

ZE' DA RUA

ra se «dar ao trabalho» de ler, escutar ou «gramar» o senhor da palestra proferida ou rádio-fundida. Mas se, no meio do trabalho mental que obrigava o mesmo povo a um esforço de atenção a que se sentia relutante aparecia o Eusébio, o Agostinho ou o Carlos Rocha, então o povinho afitava a orelha, abria a boca num largo sorriso complacente... era todo ouvidos.

Que demonstra isto? Pense cada um o que quiser. Para nós, pensamos que o povo não está apto para exercer os mais simples trabalhos de ordem mental e necessita, a par da cultura física, uma cultura de espírito, que por ora não possui. E não possui, porque não estima. E não estima porque os valores de espírito e de sensibilidade não ultrapassaram ainda a barreira da minoria, gente enfezadinha, lunática, visionários de ninharías, sem representação financeira ou social, a quem as maiorias voltam costas.

J. L.

Desastre Mortal

No passado dia 14, cerca das 21 horas, quando corria desesperadamente na Estrada Vila Real de St.º António-Tavira, em direcção a esta cidade, um automóvel vermelho marca Sinca, colheu os menores Nuno João dos Santos Sanita, de 16 anos, empregado no Eurotel da Quinta das Oliveiras, que teve morte instantânea.

Também ficou ferido nesse desastre José Calvino, de 17 anos, também natural de Tavira, que seguiu para Faro no 115, com várias fracturas.

Tudo leva a crer que a culpa foi do condutor que se pôs em fuga sem deixar quaisquer indicações.

Apesar da Emissora Nacional ter pedido várias vezes a apreensão do carro, até à data nada se sabe.

O funeral do desditoso rapaz, estudante da Escola Técnica de Tavira, filho do sr. Joaquim do Carmo Sanita e da sr.ª D. Lucília Machado dos Santos e irmão da menina Maria Margarida dos Santos Sanita, que se realizou na tarde de 15, foi bastante concorrido.

Acompanhamos a família enlutada no doloroso transe.



Luz de Tavira

Necrologia - Faleceu, após longos sofrimentos, no dia 25 de Julho na sua residência na Luz de Tavira a sr.ª D. Maria Francisca Morgado, de 75 anos de idade, natural de Tavira, onde gozava de gerais simpatias.

Era viúva de José Pedro Palmeira, e era mãe da sr.ª D. Maria do Carmo Palmeira, esposa do sr. Eduardo do Carmo Avô, proprietário e do sr. Joaquim Damião Palmeira, proprietário, esposo da sr.ª D. Maria Orgília Palmeira e avô dos srs. Gilberto Eduardo Palmeira Avô e Luís Nectário Palmeira Avô.

O funeral realizou-se no dia seguinte da Igreja da Luz de Tavira para o cemitério local.

A família enlutada endereçamos sentidos pêsames.

Dr.ª D. Maria Eduarda Cid-Rey-Luna Crispim de Sousa Graça Martins

Faleceu há dias, após prolongado sofrimento, a nossa conterrânea sr.ª Dr.ª D. Maria Eduarda Cid-Rey-Luna Crispim de Sousa Graça Martins, viúva do sr. Eng.º João António da Silva Graça Martins, falecido recentemente, e há muitos anos distinta professora do Liceu de Faro.

Contava 50 anos de idade e era filha da sr.ª D. Maria Alzira Cid-Rey-Luna Crispim de Sousa e do sr. capitão Eugénio Martinho Ferreira de Sousa e irmã da sr.ª Dr.ª D. Maria Dora Cid-Rey-Luna Crispim de Sousa Costa, casada com o sr. Dr. Marciano Madeira Tomás da Costa, técnico de informática, e do sr. Eng.º Fernando Alberto Crispim de Sousa, inspector superior do Plano do Zambeze e esposo da sr.ª Dr.ª D. Maria do Rosário Madeira Costa Crispim de Sousa, residente em Moçambique, nora da sr.ª D. Maria Elvina da Silva Graça Martins e do sr. Sebastião de Paula Martins.

Os seus restos mortais vieram da capela do Instituto de Oncologia para o cemitério de Faro, onde se realizou o funeral com extraordinária concorência.

D. Maria Fernandes da Assunção

Faleceu a sr.ª D. Maria Fernandes da Assunção, de 89 anos, natural de Tavira, viúva, mãe das sr.ªs D. Fernanda Fernandes da Assunção e Gil-da Gastão Nunes.

Aurélio Anibal Bernardo

Faleceu há dias em Lisboa, onde residia há muitos anos, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Aurélio Anibal Bernardo, 1.º oficial da Comissão Reguladora dos Produtos Farmacêuticos, de 65 anos de idade.

Deixa viúva a sr.ª D. Maria João Viegas Bernardo e genro do sr. João dos Santos Viegas.

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

GENERAL ANTÔNIO DE SPÍNOLA

Presidente da República

A Paz na Africa Portuguesa alcançada na Justiça e na Liberdade

A Mensagem que S. Ex.ª o Sr. Presidente da República Portuguesa dirigiu ao País, gostaríamos de inscrever por inteiro nas colunas desta semanário que, exarando-as, muito se honraria.

E' a Mensagem que o mais alto Representante da Nação dirige a todos os Portugueses explicando os motivos que prevaleceram no acontecimento histórico que acaba de conceder aos territórios ultramarinos, a imediata autodeterminação.

Lidas e ouvidas com o máximo de empenho e atenção nos meios de informação as eloquentes palavras do Sr. Presidente da República, pensamos dispensados de as reproduzir e aproveitamos para exprimir a S. Ex.ª a nossa confiança e o nosso apreço. Que saibam merecer tão grande dádiva, aqueles a quem tão generosa e amigavelmente a concedeu e que seja mais um penhor de afecto e um traço de união entre os homens de toda a Comunidade Lusitana.

Assine o seu Jornal

Companhia de Pescarias "Barril ou Três Irmãos" TAVIRA

Assembleia Geral Extraordinária

Convocatória

A pedido do Conselho de Administração, convido os Senhores Accionistas da Companhia de Pescarias «Barril ou Três Irmãos», S.A.R.L., a reunir-se em Assembleia Geral Extraordinária, na sede da Companhia, em Tavira, na rua José Pires Padinha n.º 8, no dia 30 de Agosto, pelas 11 horas com a seguinte ordem dos trabalhos:

— Conveniência da venda do material inutilizado pertencente à Companhia.

Não podendo a Assembleia funcionar nessa hora por falta de número de accionistas ou suficiente representação de capital, fica a mesma desde já convocada para uma hora mais tarde no local e hora indicada.

Tavira, 13 de Agosto de 1974

O Presidente da Assembleia Geral José de Castro e Sousa

LIXO. Calor. Mês de Agosto. Turis- mo. Calor. Lixo. Moscas. Cheiros nauseabundos. Em Cabanas. Em Santa Luzia. 'A volta de Tavira, panoramas desperdiçados, Na Cidade, continuam a atirar lixo de algumas janelas para a rua. O que vem à mão. Uma menina, ali perto da papelaria do sr. Santos, atira para a rua algo de vidro, não sei se era um copo rachado ou cinzeiro ou um pesa-papeis. Por pouco, vejam lá a minha sorte!, caia sobre a minha cabeça. A brincar, disse-lhe: «Menina, menina! Também tu me queres matar?!» Mas não claro. Ela nem sabia que eu por ali estava a passar na altura. Era coisa que já não prestava, a rua era o destino. Simples. Tradicional.

Há dias vinha de Faro, de carro. Era, por acaso, o dia da «Volta». Ao longo das estradas, sob árvores frondosas, centenas de carros estacionados. Hora do almoço. Sob outras árvores frondosas, comia-se e bebia-se. E o lixo que ali espalhavam? Papéis, garrafas, sacos de plástico, latas, restos de comida... tudo ali fica ao lado de tudo que ali ficou de outros «piqueiros»... e mais ali aparecerá quando surgirem outras famílias.

Na Ilha de Tavira, isso é outro escândalo: na mata, e mesmo à beira da praia, «muita, muita lixo!» — como diria o Mr. Smith. Come-se e bebe-se e o que não presta fica ali espalhado. E depois haverá quem diga que «a culpa é da Câmara! Porque é que não manda limpar?!» E, infelizmente, na sua maioria, os verdadeiros culpados são Portugueses! Sim, também há turistas estrangeiros que o fazem. Como no pinhal das Cabanas, ali montam as suas tendas, ali acumulam o lixo que é mesmo uma «beleza!» E essas rochas, esse «muro dos perfumes», continuam a receber lixo e fezes.

Quanto a uns, será porque não há «outro remédio!» Acumular as fezes em casa também não, bolas! Os «campistas» que se instalam em áreas não reservadas para o campismo esquecem-se de enterrar o lixo e imundícios. Os que se encontram em áreas «reservadas», nomeadamente essas como a de Monte Gordo, segundo grande número de queixas que ouvi de turistas estrangeiros, vivem rodeados de «muita porqueria!» Falta a água. Ainda por cima há quem utilize as bacias e os chuveiros como se tudo o que ali está é um grande WC! Como é, não; como se fosse! E, ainda por cima, falta a água...

Algo há a fazer. Quem manda nisso pense e actue. Não é preciso fazermos comícios, reuniões, nomear comissões, sanear direcções: vamos mas é sanear como deve ser. Uma vigilância maior, umas multas bem aplicadas.

A propósito de Cabanas, é bom ver que nós não estamos sós a lutar pelos interesses dos seus habitantes, principalmente dos pescadores. Como pelo bem-estar de qualquer terra algarvia. Há dias li mais uma excelente reportagem assinada por Maria José, no «TAVIRA». A respeito do assoreamento da barra. Há quase dois anos falamos nisso. De vez em quando, toma! Chegámos a sonhar com uma draga electrónica, uma espécie de animal alado. Essa draga que o pescador de Cabanas e de Santa Luzia, por exemplo, continua a procurar no horizonte, como outrora um povo desiludido e desesperado esperava por Dom Sebastião... Mas nunca mais! E se pedissemos às Nações Unidas... cada vez mais partidas? (Continua na 3.ª página)